



**Escola Superior
de Educação**

Politécnico de Coimbra

Importância dos contadores de histórias para a Educação Literária e a preservação do Património Cultural Imaterial

Departamento de Formação de Educadores e Professores

Mestrado em Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico e de Português e História e
Geografia de Portugal no 2.º Ciclo do Ensino Básico

2025, Sónia Isabel Pereira Gonçalves Mendes



**Escola Superior
de Educação**

Politécnico de Coimbra

Sónia Isabel Pereira Gonçalves Mendes

Importância dos contadores de histórias para a Educação Literária e a preservação do
Património Cultural Imaterial

Relatório Final de Mestrado em Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico e de Português e História
e Geografia de Portugal do 2.º Ciclo do Ensino Básico, apresentado ao Departamento de
Educação da Escola Superior de Educação de Coimbra para obtenção do grau de Mestre

Trabalho realizado sob a orientação da Professora Doutora Natália Albino Pires

Abril, 2025

Agradecimentos

O caminho foi árduo, mas “tudo vale a pena quando a alma não é pequena” (Pessoa, s.d.).

Dedico esta conquista ao meu marido e à minha filha que sempre acreditaram e investiram em mim.

Ao homem da minha vida, José Carlos, pelo apoio incondicional em todos os momentos, principalmente nos de alguma angústia e incerteza.

Ao meu amor maior, a minha filha Mariana, por sempre incentivar e nunca duvidar.

Aos meus pais por me mostrarem a importância da perseverança.

De uma forma muito especial, à minha orientadora Professora Doutora Natália Pires, pelo incentivo e imensurável apoio para ultrapassar e colmatar todas as dificuldades.

À professora e contadora de histórias Ana Reis, pela disponibilidade e pelo carinho com que acolheu o meu desafio.

A todos os docentes e colegas que trilharam este caminho comigo, partilhando experiências e saberes.

Às professoras cooperantes que sempre se mostraram disponíveis e, principalmente, por tudo o que me ensinaram.

A cada aluno que me acolheu com carinho na sua sala de aula.

A todos aqueles que de alguma forma estiveram próximos de mim ao longo desta jornada.

Eternamente, grata!

Importância dos contadores de histórias para a Educação Literária e a preservação do Património Imaterial

Resumo: O presente relatório resulta de um projeto de investigação, realizado durante o estágio curricular, no âmbito da disciplina de Português, no 4.º ano de escolaridade do 1.º Ciclo do Ensino Básico, no ano letivo de 2021/2022 e no 6.º ano de escolaridade do 2.º Ciclo do Ensino Básico, no ano letivo 2022/2023.

O estudo apresentado incide sobre uma experiência pedagógica desenvolvida no âmbito do estágio, tendo como foco a relevância dos contadores de histórias na promoção da Educação Literária e na valorização do Património Cultural Imaterial. Esta experiência consistiu na visita de uma contadora de histórias à escola, que apresentou uma dramatização da história de Pedro e Inês.

Foram aplicados dois questionários: o primeiro, antes da dramatização, procurou aferir o gosto e hábitos de leitura e de escuta da leitura por parte dos alunos. O segundo questionário, após a dramatização, visou recolher opiniões sobre a atividade, nomeadamente o grau de apreciação, a preferência entre a leitura do conto e a sua dramatização, e a perceção da importância deste tipo de atividades para a sua formação académica. Os resultados demonstraram uma receção bastante positiva por parte dos alunos, revelando um evidente interesse pela leitura e uma valorização clara da dimensão performativa e cultural da literatura.

Palavras-chave: Educação literária, património cultural imaterial, contadora de histórias

The importance of storytellers for literary education and the preservation of intangible heritage

Abstract: This report is the result of a research project carried out during the curricular internship, in the subject of Portuguese, in the 4th grade of the 1st Cycle of Basic Education, in the 2021/2022 school year and in the 6th grade of the 2nd Cycle of Basic Education, in the 2022/2023 academic year.

The study presented here focuses on a pedagogical experience developed as part of the internship, focusing on the relevance of storytellers in promoting Literary Education and valuing Intangible Cultural Heritage. This experience consisted of a storyteller visiting the school and presenting a dramatization of the story of Pedro and Inês.

Two questionnaires were administered: the first, before the dramatization, sought to gauge the students' taste and habits of reading and listening to reading. The second questionnaire, after the dramatization, aimed to collect opinions on the activity, namely the degree of appreciation, the preference between reading the story and its dramatization, and the perception of the importance of this type of activity for their academic training. The results showed a very positive reception from the students, revealing a clear interest in reading and a clear appreciation of the performative and cultural dimension of literature.

Keywords: Literary education, intangible cultural heritage, storytelling

Sumário

INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO	5
Educação Literária	6
Literatura Tradicional e Património Imaterial	8
Potencialidades Didáticas do Conto Tradicional	10
CAPÍTULO II - METODOLOGIA	15
Estudo	16
Contexto educativo	17
Hipótese	21
Intervenção.....	21
CAPÍTULO III – APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	24
Conclusão sobre os dados.....	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
BIBLIOGRAFIA	37
APÊNDICES.....	39
Apêndice 1 – Questionário inicial – 4.º ano	40
Apêndice 2 – Questionário inicial – 6.º ano	41
Apêndice 3 – Questionário final	42

Lista de abreviaturas

BE – Biblioteca Escolar

PC – Projeto Curricular

PNL – Plano Nacional de Leitura

PASEO – Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória

SASE – Serviços de Ação Social Escolar

SPO – Serviços de Psicologia e Orientação

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

Lista de figuras

FIGURA 1 - RESULTADOS RECOLHIDOS NA QUESTÃO N.º1 - 4.º ANO.....	25
FIGURA 2 - RESULTADOS RECOLHIDOS NA QUESTÃO N.º2 - 4.º ANO.....	25
FIGURA 3 - RESULTADOS RECOLHIDOS NA QUESTÃO N.º3 - 4.º ANO.....	26
FIGURA 4 - RESULTADOS RECOLHIDOS NA QUESTÃO N.º4 - 4.º ANO.....	26
FIGURA 5 - RESULTADOS RECOLHIDOS NA QUESTÃO N.º5 - 4.º ANO.....	26
FIGURA 6 - RESULTADOS RECOLHIDOS NA QUESTÃO N.º6 - 4.º ANO.....	27
FIGURA 7 - RESULTADOS RECOLHIDOS NA QUESTÃO N.º1 - 6.º ANO.....	28
FIGURA 8 - RESULTADOS RECOLHIDOS NA QUESTÃO N.º2 - 6.º ANO.....	28
FIGURA 9 - RESULTADOS RECOLHIDOS NA QUESTÃO N.º3 - 6.º ANO.....	28
FIGURA 10 - RESULTADOS RECOLHIDOS NA QUESTÃO N.º4 - 6.º ANO.....	29
FIGURA 11 - RESULTADOS RECOLHIDOS NA QUESTÃO N.º5 - 6.º ANO.....	29
FIGURA 12 - RESULTADOS RECOLHIDOS NA QUESTÃO N.º6 - 6.º ANO.....	29
FIGURA 13 - RESULTADOS RECOLHIDOS NA QUESTÃO N.º7 - 6.º ANO.....	30

Lista de tabelas

TABELA 1 – QUESTÕES APRESENTADAS NO QUESTIONÁRIO FINAL.....	31
---	----

INTRODUÇÃO

Introdução

A Inteligência Artificial transformará, em poucos anos, a sociedade de tal forma que, provavelmente, não virá a ser possível reconhecer traços culturais ancestrais passados de geração em geração oralmente. Numa futura sociedade, gerida pela(s) Inteligência(s) Artificial(is), novas patrimonialidades identitárias se gerarão e novas questões se colocarão às gerações vindouras.

No presente, com todos os recursos tecnológicos já existentes, a questão fundamental que se nos coloca é de encontrar estratégias para incentivar as nossas crianças a ler e a ouvir ler, disponibilizando-lhes histórias envolventes e livros enriquecidos de saberes.

Ler e ouvir ler são formas de adquirir conhecimentos, de conhecer outros mundos e, conseqüentemente, desenvolver diversas habilidades. As crianças que, desde cedo, escutam os adultos a contarem histórias, são estimuladas à prática da leitura e ao desenvolvimento do seu imaginário. Na escola não é diferente, pois a prática regular de ouvir histórias pode ser uma excelente experiência social e emocional, tendo o professor/contador de histórias o papel de encantar e cativar os alunos, transmitindo-lhes valores culturais e, simultaneamente, entreter e educar (Balça & Pires, 2013).

No universo da educação, a figura do contador de histórias destaca-se como um elo fundamental entre o passado e o presente, entre a tradição e a inovação. Muito além do simples ato de narrar, o contador de histórias é um guardião da memória coletiva, capaz de envolver, emocionar e ensinar através da palavra viva. Em tempos de avanços tecnológicos e de comunicação instantânea, o resgate da oralidade e do encontro presencial promovido pelos contadores ganha ainda mais relevância, sobretudo no contexto escolar.

A educação literária, entendida como o processo de formação de leitores críticos, sensíveis e apreciadores da estética literária, encontra nos contadores de histórias aliados preciosos. Através da sua arte, os alunos têm acesso não apenas a textos escritos, mas também à riqueza da tradição oral, onde a literatura nasce da voz, do gesto e da emoção partilhada. Esta experiência sensorial e afetiva contribui para o desenvolvimento do gosto

pela leitura, da imaginação e da criatividade, elementos essenciais para a formação integral do indivíduo.

Além disso, os contadores de histórias desempenham um papel vital na preservação do património cultural imaterial. Ao transmitirem contos, lendas, mitos e memórias de diferentes comunidades, ajudam a manter vivas as tradições, os valores e as identidades culturais que constituem a base de uma sociedade plural. Esta transmissão oral permite que as novas gerações conheçam e valorizem o seu património, promovendo o respeito pela diversidade e o sentimento de pertença.

No ambiente escolar, a presença dos contadores de histórias pode transformar a sala de aula num espaço de encontro, partilha e descoberta. O envolvimento dos alunos nas narrativas favorece a aprendizagem ativa, estimula o diálogo intercultural e incentiva a reflexão sobre questões éticas e sociais presentes nos textos narrados. Assim, o contador de histórias torna-se um mediador entre o livro e o leitor, entre a escola e a comunidade, entre o presente e a tradição.

Deste modo, reconhecer a importância dos contadores de histórias para a educação literária e para a preservação do património cultural imaterial é valorizar uma prática ancestral que continua a ser fonte de inspiração, conhecimento e identidade. Integrar a arte de contar histórias no contexto educativo é investir na formação de cidadãos mais sensíveis, criativos e conscientes do seu papel na construção e transmissão da cultura.

Este relatório resulta de uma investigação realizada no âmbito do mestrado em Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico e de Português e História e Geografia de Portugal no 2.º Ciclo do Ensino Básico, na unidade curricular Prática Educativa I e II. Durante os estágios realizados, proporcionou-se a oportunidade de observar o interesse dos alunos pela leitura de contos, bem como de avaliar a influência que a dramatização poderia exercer sobre esse interesse.

Visando uma melhor perceção dos passos desenvolvidos e da forma como decorreu a intervenção, o presente relatório encontra-se estruturado em três capítulos distintos.

No primeiro capítulo, é apresentado o enquadramento teórico, com base na revisão da literatura relativa aos diferentes conteúdos nucleares do trabalho, nomeadamente: a Educação Literária, a Literatura Tradicional e o Património Imaterial, assim como as Potencialidades do Conto Tradicional.

No segundo capítulo, abordamos a metodologia utilizada no estudo, explicitamos o tipo de investigação realizada, fazemos uma breve caracterização de ambos os contextos educativos, apresentamos a hipótese formulada e os objetivos definidos para a investigação, sendo ainda descrita a intervenção realizada.

No terceiro e último capítulo, procedemos à apresentação e análise dos dados recolhidos, provenientes dos questionários aplicados e da observação realizada durante os momentos de dramatização. Esta análise é complementada por uma breve reflexão sobre os dados obtidos.

Por fim, nas considerações finais, apresentamos uma reflexão crítica, sustentada na avaliação global do percurso realizado.

CAPÍTULO I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Educação Literária

A educação literária constitui um alicerce indispensável na formação de leitores autónomos, críticos e culturalmente conscientes. Um leitor autónomo é capaz de construir significados a partir da leitura, relacionando o texto com os seus conhecimentos prévios e experiências pessoais, o que favorece uma leitura mais significativa e envolvente (Balça, 2023). Nesse sentido, torna-se fundamental promover a educação literária e incentivar práticas regulares de leitura. Azevedo, Martins e Magalhães (2023) defendem que o acesso à cultura e à memória se concretiza através da literatura, sendo esta um elemento determinante na capacidade de transformação e empoderamento do indivíduo.

“A literatura, pela sua capacidade de interrogar o mundo, de se afirmar como forma de resistência simbólica à barbárie e à morte, pela sua capacidade de empoderar e de libertar o sujeito, de permitir o sonho e a imaginação, de ser uma forma de estimular a aprendizagem sobre o Eu, o Outro e o Mundo, faz falta e é um aspeto estrutural da nossa vida coletiva.” (Azevedo, Martins e Magalhães, 2023, p. 5)

A sua valorização no espaço escolar implica o reconhecimento do valor formativo da literatura e, como tal, a escola tem o dever de garantir que todos os alunos têm acesso não apenas como instrumento de ensino, mas como direito cultural e como oportunidade de desenvolvimento pessoal. Azevedo e Balça (2019) referem que “a escola é, naturalmente, o espaço privilegiado para a formação de leitores literários” (p.10).

Ao entrar em contacto com uma diversidade de obras literárias, os alunos não só adquirem conhecimento sobre diferentes contextos históricos e sociais, como também desenvolvem uma capacidade para compreender e questionar o mundo à sua volta (Vieira, 2006). Segundo a mesma autora, está demonstrado que os livros são essenciais na transmissão de valores e para o desenvolvimento de uma visão diferente do mundo.

Através das histórias que habitam os livros, os alunos têm a oportunidade de vivenciar as experiências de personagens que se encontram em contextos muito distintos

dos seus, desenvolvendo, assim, uma maior empatia e compreensão das complexidades do ser humano e, por conseguinte, a formação de uma cidadania inclusiva e crítica, capaz de respeitar as diferenças e valorizar as variadas formas de ser e estar no mundo (Vieira, 2006).

Do ponto de vista pedagógico, a leitura literária favorece uma abordagem transversal e interdisciplinar, na medida em que permite estabelecer ligações entre diferentes áreas do saber, promovendo uma aprendizagem mais integrada e significativa (Pereira & Balça, 2018).

As mesmas autoras defendem que a educação literária implica que a leitura seja realizada por prazer, centrando-se na formação de leitores literários com uma postura crítica e reflexiva, bem como com uma identidade leitora própria e consolidada.

Saber ler não é suficiente para que os alunos queiram ler e sintam prazer na leitura, sendo necessário que se apropriem da leitura como um hábito significativo e prazeroso, cabendo à educação literária um papel fundamental nesse processo (Pereira & Balça, 2018).

O hábito da leitura não é automático e deve resultar de um processo que deve iniciar-se o mais cedo possível, por meio de uma educação literária de qualidade, sendo fundamental que os alunos vivenciem experiências que favoreçam o seu desenvolvimento como leitores, cabendo aos educadores e professores proporcionar momentos e espaços de leitura apelativos, bem como promover atividades frequentes de leitura e de contacto com o livro (Pereira & Balça, 2018).

Literatura Tradicional e Património Imaterial

O conto tradicional, enquanto narrativa transmitida oralmente de geração em geração, ocupa um lugar de destaque no universo da literatura infantil e juvenil e revela-se uma ferramenta pedagógica de grande valor no contexto escolar. As suas potencialidades didáticas são múltiplas e abrangem diversas dimensões do desenvolvimento dos alunos, desde a competência leitora à formação de valores, passando pelo estímulo à criatividade e ao pensamento crítico. Ao integrar o conto tradicional nas práticas pedagógicas, a escola contribui de forma significativa para a educação literária e para a construção de uma identidade cultural partilhada.

Esta valorização do património oral integra-se num entendimento mais amplo de património cultural, que, nas últimas décadas, tem vindo a ser marcadamente reformulado, em parte graças aos documentos orientadores concebidos pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). De acordo com esta organização, o património cultural “não se esgota em monumentos e coleções de objetos”, incluindo também “tradições ou expressões vivas herdadas de nossos ancestrais e transmitidas aos nossos descendentes”, como as tradições orais, as artes performativas, os rituais, as práticas sociais, entre outras formas de saber (UNESCO, s.d.).

Embora de natureza frágil, o património cultural imaterial constitui um elemento essencial para a manutenção da diversidade cultural, sobretudo perante os desafios colocados pela globalização (UNESCO, s.d.). O seu verdadeiro valor não reside tanto nas suas manifestações exteriores, mas sobretudo na “riqueza de conhecimentos e habilidades que são transmitidos através dele de uma geração para a seguinte” (UNESCO, s.d.). Esta transmissão contínua assegura a preservação dos saberes tradicionais, contribuindo para a identidade cultural e exercendo um impacto significativo em diferentes contextos sociais e geográficos (Themudo Barata et al., 2021; UNESCO, s.d.).

Neste processo, a figura do contador de histórias revela-se central, não apenas como transmissor de narrativas, mas enquanto agente ativo na recriação do texto oral (Aguiar e Silva, 2005, p. 142). A literatura de tradição oral é inseparável do ato performativo que a constitui, sendo a palavra dita uma forma de arte que depende do

contexto de enunciação e da relação entre quem conta e quem ouve (Aguiar e Silva, 2005, p. 141; Niles, 1999). Na perspetiva do autor, o contador de histórias não se limita a repetir conteúdos, mas sim a interpretar, adaptar e reinventar a narrativa consoante as circunstâncias sociais e culturais em que esta ocorre (Aguiar e Silva, 2005, p. 143).

Contar uma história é sempre um momento especial e único, marcado pela forma como cada pessoa a vive e a partilha. Mesmo quando a história não é nossa, temos a liberdade de a adaptar, de lhe dar um tom próprio e de transmitir emoções a quem nos escuta. O modo como usamos a voz, os gestos e até as pausas revela muito de nós, tornando cada narração diferente. Quando a história faz parte da nossa vida ou é algo que vivemos de perto, esse envolvimento torna-se ainda mais evidente. É natural que, ao longo do tempo, a contemos de maneiras diferentes, consoante o que sentimos ou o que queremos destacar. É precisamente isso que torna o ato de contar histórias tão pessoal, pois não se trata apenas de repetir algo, mas de o reviver e dar-lhe nova vida cada vez que o partilhamos.

O conto tradicional, mais do que uma simples forma de entretenimento, constitui um importante instrumento de transmissão cultural, através do qual se perpetuam normas sociais, códigos de conduta, mitos fundadores e experiências coletivas (Aguiar e Silva, 2005, p. 143). Segundo o autor, a literatura oral, apesar da sua natureza não escrita e frequentemente anónima, não deve ser considerada inferior à literatura erudita, uma vez que cumpre funções simbólicas, educativas e estéticas no seio das comunidades que a praticam.

A oralidade assume, nesse sentido, uma dimensão estética e comunicativa, sustentada por recursos como a repetição, a cadência rítmica e a expressividade gestual e vocal. Esta performance, conforme sublinha Aguiar e Silva (2005, p.141), não apenas preserva a integridade simbólica do conto, como potencia o seu impacto emocional e pedagógico junto do público, especialmente em contextos educativos e comunitários.

No panorama contemporâneo, marcado pela aceleração comunicacional e pela predominância dos meios digitais, a tradição oral mantém-se relevante, resistindo à marginalização imposta pela cultura escrita (Aguiar e Silva, 2005, pp. 137-138). Para o

autor, esta resistência representa também uma forma de afirmação cultural, na medida em que a literatura oral continua a desempenhar um papel fundamental na coesão social e na construção da memória coletiva.

Assim, a valorização do conto tradicional e do contador de histórias revela-se essencial para a compreensão do imaginário coletivo e das dinâmicas identitárias que atravessam diferentes gerações. Como enfatiza Aguiar e Silva (2005, pp. 139-140), a literatura oral deve ser entendida não como um vestígio do passado, mas como uma prática viva e significativa, capaz de dialogar com o presente sem perder a sua profundidade simbólica e o seu enraizamento cultural.

Potencialidades Didáticas do Conto Tradicional

1. Promoção da Competência Leitora e Oral

O conto tradicional, pela sua estrutura narrativa simples e repetitiva, facilita a compreensão textual e a aquisição de vocabulário. A oralidade inerente a este género literário estimula a escuta ativa, a memorização e a expressão oral, competências essenciais para o sucesso escolar.

A escuta atenta, o reconto e a dramatização não só desenvolvem competências linguísticas, como a articulação, o ritmo, a entoação e a clareza, como também promovem a confiança e a autonomia na comunicação. Tal como referem Magalhães e Alçada (1990), a oralidade, quando trabalhada de forma lúdica e significativa, contribui para o fortalecimento das relações interpessoais e para a afirmação da identidade cultural dos alunos.

O conto tradicional é frequentemente utilizado na prática pedagógica como ponto de partida para atividades de leitura orientada, reconto e dramatização, que estimulam a fluência verbal, a compreensão textual e a capacidade de interpretar diferentes personagens e situações.

O trabalho com contos pode ainda ser articulado com atividades de exploração lexical, enriquecimento do vocabulário e construção de frases, permitindo o desenvolvimento da consciência linguística. Estas competências, previstas no Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória (PASEO, 2017), são fundamentais para a progressão na aprendizagem da leitura e da escrita ao longo da escolaridade básica.

Por outro lado, a componente oral destes textos permite o envolvimento das famílias e da comunidade, promovendo a partilha de histórias entre gerações, o que fortalece a valorização da tradição oral e da identidade local. A literatura tradicional, nesse sentido, é também uma ponte entre a escola e o contexto sociocultural dos alunos, como defende o Plano Nacional de Leitura 2027 (PNL 2017), ao recomendar o uso de textos orais e populares como base para o desenvolvimento das literacias.

2. Desenvolvimento do Imaginário e da Criatividade

Os contos tradicionais transportam os alunos para universos mágicos, povoados por seres fantásticos, heróis e vilões, onde o impossível se torna possível. Este contacto com o maravilhoso estimula a imaginação, a criatividade e o pensamento divergente, competências fundamentais para a resolução de problemas e para a inovação em qualquer área do conhecimento.

A exposição regular a estas narrativas estimula a capacidade de criar imagens mentais, de antecipar enredos e de interpretar significados implícitos, o que contribui significativamente para o enriquecimento do imaginário individual (Balça, 2015).

Esta dimensão simbólica é particularmente relevante no processo de construção da identidade e da compreensão do mundo. Tal como salienta o Plano Nacional de Leitura 2027 (PNL 2017), o contacto com textos literários, sobretudo os de tradição oral, é determinante para o desenvolvimento da imaginação, da curiosidade e do prazer de explorar novas formas de ver e representar o mundo. Assim, a inclusão de contos tradicionais em práticas pedagógicas intencionais contribui para a formação de crianças mais sensíveis, criativas e abertas à diversidade de experiências humanas e culturais.

3. Transmissão de Valores e Educação para a Cidadania

Para além da sua função lúdica, os contos tradicionais constituem veículos de transmissão de valores sociais, morais e culturais que contribuem para a formação de uma consciência cívica e para o desenvolvimento do sentido de pertença a uma comunidade (Magalhães & Alçada, 1990).

A análise destas narrativas em contexto escolar permite discutir questões de cidadania, promover o respeito pela diferença e incentivar a reflexão crítica sobre comportamentos e consequências. Através de metodologias participativas, como o reconto, o debate ou a dramatização, os alunos são convidados a interpretar conflitos, a problematizar decisões das personagens e a relacionar os conteúdos das histórias com situações do quotidiano (PNL 2017).

Magalhães e Alçada (1990) defendem que estas histórias contribuem para a construção de uma consciência social e moral desde a infância, sendo particularmente eficazes na abordagem de valores como a justiça, a empatia e a solidariedade. Esta dimensão ética da literatura revela-se crucial para a formação integral do aluno, enquanto ser humano e cidadão.

4. Preservação e Valorização do Património Cultural

A tradição de contar histórias possui origens remotas, remontando às primeiras formas de comunicação humana. Desde tempos ancestrais, a narração de acontecimentos quotidianos, fenómenos naturais inexplicáveis, relatos de viagens, descrições de lugares, seres e objetos constituiu uma forma privilegiada de partilha de experiências e de construção simbólica da realidade (Faria, 2009).

Estes relatos, designadamente os contos ou estórias, circularam, e ainda circulam, essencialmente por via oral, sem qualquer fixação escrita imediata, o que favoreceu a sua propagação e transformação contínua (Faria, 2009). A oralidade, enquanto meio de transmissão, permitia que um indivíduo, após ouvir uma história, a reproduzisse, com

maior ou menor fidelidade, perante outro(s) interlocutor(es), contribuindo assim para a sua preservação, mas também para a sua adaptação às circunstâncias de cada nova narração (Faria, 2009).

Este processo de transmissão oral dos contos populares originou diversas versões de uma mesma narrativa, sendo as variações resultantes de fatores como o perfil do contador, a receção do público e o contexto sociocultural em que a narração ocorre, uma vez que esta “arte de contar” se encontra profundamente enraizada na dinâmica cultural das comunidades, refletindo as suas crenças e valores (Faria, 2009).

Ao trabalhar o conto tradicional na escola, promove-se o conhecimento e a valorização do património cultural local, regional e universal. Os alunos tomam contacto com histórias que fazem parte da memória coletiva e que refletem modos de vida, crenças, costumes e tradições de diferentes povos. Este processo favorece o respeito pela diversidade cultural e o sentimento de pertença a uma comunidade.

5. Facilitação da Aprendizagem Interdisciplinar

O conto tradicional pode ser ponto de partida para atividades interdisciplinares, envolvendo áreas como a História, a Geografia, as Artes ou as Ciências Naturais. Por exemplo, a análise de um conto pode conduzir à exploração de contextos históricos, à identificação de animais e plantas presentes na narrativa, ou à criação de ilustrações e dramatizações. Esta abordagem globalizadora torna a aprendizagem mais significativa e motivadora.

A riqueza do conto tradicional não se esgota no seu potencial interdisciplinar. Para além de fomentar aprendizagens integradas e contextualizadas em diversas áreas do saber, o conto constitui também um recurso valioso no domínio da educação literária. A sua riqueza narrativa, simbólica e cultural faz dele um recurso privilegiado para o desenvolvimento de competências de leitura e para a formação de leitores críticos, autónomos e esteticamente sensíveis. O conto tradicional, pela sua riqueza temática e estilística, constitui uma porta de entrada privilegiada para o universo literário. Através do contacto com diferentes versões de um mesmo conto, os alunos aprendem a

reconhecer estruturas narrativas, a identificar motivos e símbolos recorrentes, a comparar estilos e a valorizar a diversidade das formas de expressão.

Além disso, o conto tradicional prepara o terreno para a leitura de obras mais complexas, ao familiarizar os alunos com elementos fundamentais da narrativa, como o enredo, as personagens, o espaço e o tempo. O prazer proporcionado pela leitura e escuta de contos tradicionais é um poderoso incentivo à formação de hábitos de leitura, essenciais para o sucesso escolar e para o desenvolvimento pessoal.

Importa ainda destacar o papel dos contos tradicionais na formação de leitores literários. O Plano Nacional de Leitura 2027 (PNL 2017, s.d.) sublinha a importância do acesso precoce à literatura como fator determinante na criação de hábitos leitores e no desenvolvimento da literacia profunda. Magalhães e Alçada (1990) reforçam esta ideia, considerando que o contacto regular com obras de tradição oral desperta nas crianças o gosto pela leitura e favorece a transição para textos mais exigentes.

Em suma, o conto tradicional é um recurso didático de grande riqueza, que contribui de forma decisiva para a educação literária na escola. Ao proporcionar experiências de leitura significativas, ao estimular a criatividade e ao promover valores e identidade cultural, o conto tradicional ajuda a formar leitores competentes, críticos e sensíveis, preparados para compreender e transformar o mundo em que vivem. Integrar o conto tradicional nas práticas pedagógicas é, por isso, investir na formação de cidadãos mais completos e conscientes do seu papel na sociedade.

CAPÍTULO II - METODOLOGIA

Estudo

Na sequência dos estágios curriculares realizados nos anos letivos 2021/2022 e 2022/2023, em turmas de 4.º e 6.º anos, respetivamente, no âmbito da área disciplinar de Português, verificou-se a oportunidade de convidar uma contadora de histórias para ir à escola.

Para este estudo foram estabelecidos alguns objetivos, que elencamos mais adiante, e utilizada uma estratégia de investigação assente na metodologia da investigação-ação.

Coutinho et al (2009) refere que, o que melhor caracteriza e identifica esta metodologia, é a utilização de uma pesquisa prática e aplicada, com o foco em resolver problemas reais. A recolha de informação tem o propósito de fomentar a mudança, não se limitando ao campo teórico, mas sim unindo a teoria à prática, seguida de reflexão que antecipa uma nova e reformulada ação. Assim, o processo não se restringe a um ciclo, mas a uma espiral de ciclos de ação-reflexão (Coutinho, 2009). Esta é também a perspetiva de Moreira (2001) citada por Sanches (2005):

“A dinâmica cíclica de ação-reflexão, própria da investigação-ação, faz com que os resultados da reflexão sejam transformados em praxis e esta, por sua vez, dê origem a novos objetos de reflexão que integram, não apenas a informação recolhida, mas também o sistema apreciativo do professor em formação. É neste vaivém contínuo entre acção e reflexão que reside o potencial da investigação-ação enquanto estratégia de formação reflexiva, pois o professor regula continuamente a sua acção, recolhendo e analisando informação que vai usar no processo de tomada de decisões e de intervenção pedagógica.”
(p. 129)

Para uma investigação realizada de acordo com esta metodologia, é necessário definir a melhor estratégia de recolha da informação que a investigação, naturalmente, vai facultando (Coutinho, 2009). Como tal, para a elaboração deste estudo, utilizei técnicas baseadas na observação, especificamente a observação participante, uma vez que, como professora estagiária, estive em contacto direto durante um determinado

período de tempo com cada uma das turmas envolvidas no estudo e, também, técnicas baseadas na conversação, especificamente o questionário. De acordo com Coutinho et al (2009) as técnicas e instrumentos de recolha de dados dividem-se em três categorias: técnicas baseadas na observação, técnicas baseadas na conversação e a análise de documentos.

Neste estudo foram aplicados dois questionários, um antes da intervenção da contadora de histórias e outro após a intervenção. O questionário inicial (apêndices 1 e 2) foi estruturado com o principal objetivo de perceber a preferência de cada aluno entre ouvir contar um conto ou fazer leitura autónoma. Deste questionário constavam cinco questões fechadas e uma questão aberta, para os alunos do 4.º ano de escolaridade, e seis questões fechadas e uma questão aberta para os alunos do 6.º ano de escolaridade. As questões formuladas foram exatamente iguais, tendo os alunos do 6.º ano respondido a mais uma questão do que os alunos do 4.º ano, pelo facto de considerarmos que a mesma seria mais relevante para os alunos mais velhos. O questionário final (apêndice 3) foi estruturado com o principal objetivo de avaliar o impacto da dramatização nos alunos. Deste questionário constavam quatro questões abertas e, ainda, um espaço em branco destinado à ilustração de um momento da história que o aluno mais tivesse gostado.

As perguntas fechadas são as que respondem diretamente às exigências de um questionário, bem como facilitam a resposta do inquirido e, ainda, a sua posterior análise estatística (Moreira, 2007). Contudo, consideramos que a utilização de questões abertas permitiria que cada um dos alunos se expressasse de forma mais livre e pessoal.

Contexto educativo

A investigação foi desenvolvida em duas instituições de ensino distintas, nomeadamente, uma escola pública, com uma turma de 4.º ano de escolaridade, no ano letivo 2021/2022 e num colégio privado, com uma turma de 6.º ano de escolaridade, no ano letivo 2022/2023, ambas localizadas no concelho de Coimbra.

Relativamente à primeira instituição, esta localiza-se no centro da cidade de Coimbra e oferece os níveis de ensino correspondentes ao 1.º Ciclo do Ensino Básico.

A sua missão é prestar à comunidade um serviço educativo de excelência na formação de cidadãos munidos de múltiplas literacias, sociáveis, reflexivos, preparados para a inovação e mudança. Ser um espaço de respostas educativas diferenciadas e que, no exercício de uma construção participada de saberes, proporciona experiências educativas que permitam aos alunos desenvolver e pôr em prática os valores por que se deve pautar a cultura de escola.

Esta escola possui onze salas de aula, uma de informática, duas de educação especial, duas de apoio educativo, uma biblioteca, uma sala de professores, uma sala de coordenação, uma reprografia, um gabinete da associação de pais, três campos de jogos e um refeitório com capacidade para cerca de cem alunos.

Como oferta educativa proporciona as áreas de Inglês, Atividade Físico Desportiva, Expressões Artísticas, Expressão Musical, Atividades Lúdicas e de Animação e, no 4.º ano, Iniciação à Programação (Scratch).

Relativamente aos recursos humanos, a escola tem dez professores titulares de turma, três professores de Apoio Educativo, dois profissionais de Educação Especial, cinco Assistentes Operacionais, e uma Coordenadora.

Ao longo da minha intervenção, acompanhei uma turma de 4.º ano de escolaridade, composta por vinte e quatro alunos, dez rapazes e catorze raparigas, todos com nove anos de idade, exceto um rapaz de dez anos.

A maioria reside no concelho de Coimbra, sendo que, à exceção de três alunos que se deslocam de autocarro e um aluno a pé, os restantes deslocam-se para a escola de carro. Todos os alunos realizam o percurso para a escola num período entre os cinco e os quarenta e cinco minutos.

A turma tem cinco alunos oriundos de diferentes países, nomeadamente França, Brasil, Venezuela e Angola, embora todos sejam de nacionalidade portuguesa.

Culturalmente, a turma é heterogénea, o que permite a diversidade focada pela legislação em vigor, quer em termos de inclusão, quer em termos de flexibilidade curricular.

O nível sociocultural da turma apresenta-se como médio-alto visto que, a maioria dos pais dos alunos são licenciados, contudo o nível socioeconómico é médio, dado que dez alunos recebem auxílio económico dos Serviços de Ação Social Escolar (SASE), sendo que os restantes revelam uma vida cómoda e estável em termos financeiros.

A turma apresenta um nível global Bom. A Português, Matemática e Estudo do Meio o nível é Bom e Muito Bom nas restantes áreas disciplinares. O comportamento é Bom, havendo cumprimento de regras e uma boa convivência entre colegas.

Nenhum dos alunos apresenta qualquer deficiência ou qualquer tipo de dificuldade motora, no entanto há três alunos com dificuldades de aprendizagem, o que levou à implementação de Medidas Universais de Intervenção com foco académico em pequenos grupos, para o reforço das aprendizagens. As estratégias e metodologias implementadas permitiram a estes alunos a melhoria da sua autoestima, motivação, autonomia e persistência nas tarefas possibilitando-lhes uma evolução nos resultados académicos. No entanto, o distanciamento destes alunos em relação ao grupo foi-se evidenciando, o que levou a que fossem referenciados para serem avaliados pelos Serviços de Psicologia e Orientação (SPO), encontrando-se já com Medidas Seletivas e com apoio da Educação Especial. Dois alunos estão medicados com um fármaco para o défice de atenção e/ou hiperatividade.

A comunicação com os Encarregados de Educação funciona através da caderneta escolar e/ou telefone e correio eletrónico. A comunicação dos comportamentos e atitudes é feita semanalmente através de registos e/ou grelhas estruturadas que acompanham os alunos e que os pais devem verificar e assinar como tomada de conhecimento. No final do mês, os alunos que cumpriram as regras levam um dístico de Bom comportamento como atribuição de prémio.

Relativamente ao colégio privado, trata-se de um estabelecimento de ensino laico que oferece uma educação com base num ambiente de confiança, proximidade e afeto no respeito pela Convenção dos Direitos da Criança. O espaço é privilegiado devido às excelentes condições naturais e ambientais em que está inserido, disponibilizando instalações adequadas e convenientemente equipadas, proporcionando um ambiente saudável e estimulante, fundamental para o eficaz desenvolvimento dos alunos. Os vários edifícios existentes estão rodeados de excelentes espaços verdes que são utilizados não só para os momentos de intervalo, mas também para a prática pedagógica das diferentes disciplinas. As salas de aula são amplas e dotadas de grandes janelas que permitem uma boa luminosidade natural e arejamento, sendo que todas estão equipadas com quadro branco, quadro interativo, projetor e ar condicionado.

O colégio dispõe de uma Biblioteca Escolar (BE) constituída por recursos físicos, humanos e documentais colocados à disposição de toda a comunidade escolar.

O Projeto Curricular (PC) indica as prioridades no desenvolvimento curricular, as opções curriculares, os instrumentos de planeamento curricular definidos pelo Conselho Pedagógico e as áreas de competência prioritárias do *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória* a desenvolver, de acordo com os valores preconizados pelo Projeto Educativo. O PC inclui, também, a Estratégia de Educação para a Cidadania do Colégio e esclarece as principais opções, quer na organização das aprendizagens, quer nos métodos e estratégias de ensino e de avaliação. Este PC é elaborado anualmente e define a organização do Colégio e das aulas, nomeadamente o calendário escolar, as orientações para a elaboração dos horários dos alunos, constituição de turmas e a distribuição do serviço docente.

Ao longo da minha intervenção, acompanhei uma turma de 6.º ano de escolaridade, composta por vinte e quatro alunos, doze rapazes e doze raparigas, com uma média de idades igual a onze anos e todos de nacionalidade portuguesa.

A maioria reside no concelho de Coimbra, sendo que vários alunos da turma participam em atividades extracurriculares, em que se destacam os cursos de línguas, a aprendizagem de um instrumento musical e atividades desportivas.

Na generalidade, todos os alunos têm bom aproveitamento, não havendo qualquer retenção no percurso escolar.

Ao nível sociocultural, os alunos pertencem a uma classe média-alta, sendo que as habilitações literárias dos pais são, maioritariamente, do ensino superior.

A turma tem cinco alunos com medidas de suporte à aprendizagem, nomeadamente medidas universais e medidas seletivas. No que diz respeito a medidas universais, os cinco alunos beneficiam de acomodações curriculares, sendo que três deles beneficiam ainda de diferenciação pedagógica.

A maioria destes alunos tem um bom comportamento, seguindo as instruções e aceitando as advertências, assim como, têm bons hábitos de trabalho e de organização dos seus materiais, mostrando iniciativa e criatividade na realização dos trabalhos que concretizam com responsabilidade. Relativamente à assiduidade e pontualidade, a turma teve sempre um bom desempenho.

Finalmente, referir que a presente caracterização das turmas teve por base a minha observação e intervenção no decorrer dos anos letivos acima mencionados, bem como os documentos de caracterização que, atenciosamente, me foram disponibilizados pela professora cooperante e pela diretora de turma.

Hipótese

Em que medida a dramatização de um conto desperta o interesse pela leitura de contos tradicionais?

Para a realização deste estudo foram estabelecidos alguns objetivos, sendo que os principais foram: perceber o interesse dos alunos pela leitura de contos e avaliar a influência que a dramatização poderia ter nesse mesmo interesse. Para a prossecução dos mesmos, foi implementada a dinâmica que abaixo descrevemos.

Intervenção

A estratégia de implementação utilizada foi semelhante nas duas instituições de ensino. Os alunos do 4.º ano de escolaridade preencheram o questionário inicial no dia nove de maio de dois mil e vinte e dois, assistiram à dramatização no dia seguinte, ou seja, no dia dez e preencheram o questionário final no dia onze do mesmo mês.

Os alunos do 6.º ano de escolaridade preencheram o questionário inicial no dia dez de maio de dois mil e vinte e três, assistiram à dramatização dois dias depois, ou seja, no dia doze e preencheram o questionário final no dia quinze do mesmo mês.

Previamente, os alunos foram esclarecidos da finalidade dos questionários e da importância de fornecerem respostas claras e sinceras.

Como já foi referido anteriormente, a estratégia de implementação utilizada foi semelhante em ambas as turmas e, como tal, fazemos de seguida uma breve apresentação da contadora de histórias e da sua intervenção.

Ana Reis é professora no Agrupamento de Escolas de Oliveira do Hospital, coordenadora do departamento de Línguas e responsável por vários projetos na área da cultura clássica.

Gentilmente, aceitou o convite para contar a história de Pedro e Inês, deslocando-se de Oliveira do Hospital a Coimbra por duas vezes de forma gratuita. A sua participação foi fundamental para o sucesso desta investigação¹.

Uma história que deixou uma marca inapagável na História e no património de Portugal, inspirando poetas, escritores e compositores foi a do trágico e lendário amor entre D. Pedro e D.^a Inês de Castro.

A escolha desta história deveu-se ao facto de a turma do 4.º ano, na qual se realizou a primeira intervenção, ter efetuado uma visita de estudo à Quinta das Lágrimas, localizada na cidade de Coimbra, e de ter demonstrado grande interesse pela trama histórica e por tudo o que a envolveu. Assim, o conto constituiu o ponto de partida para diversas atividades interdisciplinares, que culminaram na sua dramatização.

Com um ano letivo a separar a dramatização apresentada às duas turmas, a contadora de histórias seguiu o mesmo procedimento, tendo em consideração a comparação que se pretendia estabelecer entre os dois níveis de escolaridade. De seguida, apresenta-se a descrição desse procedimento.

Após uma breve apresentação pessoal, Ana Reis iniciou um diálogo acerca das dinastias que vigoraram em Portugal, questionando os alunos se sabiam quantas tinham sido e que reis conheciam. Passados alguns minutos, e mantendo o diálogo, a contadora de histórias começou a paramentar-se com alguns adereços alusivos às personagens da história. Desta forma, ia despertando a curiosidade e o interesse do seu público-alvo.

Após situar a história de Pedro e Inês no tempo e no espaço, a contadora de histórias deu início à dramatização que transportou os alunos para o século XIV.

A sua encenação captou plenamente a atenção do grupo, proporcionando-lhes uma experiência enriquecedora. Através da sua expressão verbal transmitiu as diferentes

¹ Agradeço profundamente à Professora Ana Reis pela generosidade com que aceitou participar neste trabalho, no papel de contadora de histórias. A sua forma calorosa e dedicada de apresentar o conto aos alunos enriqueceu não só a experiência pedagógica, mas também a dimensão humana desta investigação.

emoções das várias personagens, através da sua expressão corporal reteve a atenção dos alunos, mas foi a sua empatia que tornou o momento mais envolvente e encantou a cada um deles.

Terminada a apresentação, amplamente aplaudida, a contadora de histórias convidou os alunos a recriar um pequeno excerto da história. A maioria dos alunos manifestou desejo de participar, mas foi necessário realizar uma seleção, pois o tempo disponível só permitia uma apresentação.

Assim, cientes da responsabilidade do momento, os alunos deram vida às personagens de D.ª Inês, de D. Pedro, de D. Afonso IV, e aos assassinos Álvaro Gonçalves, Diogo Lopes Pacheco e Pero Coelho, recriando o dramático momento da morte de D.ª Inês, ocorrido em 1355, no Paço de Santa Clara, em Coimbra.

Esta dramatização simples, mas intensa, evidenciou a emoção despertada pela paixão de D. Pedro por D.ª Inês e pela tragédia que dela resultou, gerando fortes emoções em cada um dos alunos de ambas as turmas. Além disso, revelou-se uma excelente oportunidade para incentivar a participação ativa e o desenvolvimento da sensibilidade estética. A dramatização proporcionou uma experiência enriquecedora no plano cultural e emocional, favorecendo também o desenvolvimento de competências de comunicação e expressão.

Consideramos que estes momentos de grande valor pedagógico permitiram aos alunos vivenciar a literatura de uma forma dinâmica e significativa, tendo sido a entusiástica reação uma clara evidência do sucesso da dramatização e da importância de abordagens criativas no processo de ensino e de aprendizagem.

CAPÍTULO III – APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo, procede-se à apresentação e análise dos dados recolhidos, através da interpretação dos questionários aplicados em ambas as turmas, antes e depois da dramatização apresentada pela contadora de histórias.

Nos gráficos abaixo apresentamos os dados relativos às respostas dadas pelos alunos do 4.º ano de escolaridade, às cinco questões fechadas e uma questão aberta incluídas no primeiro questionário, aplicado antes da intervenção da contadora de histórias. Assim, ao gráfico um correspondem os dados relativos à questão um, e assim sucessivamente.

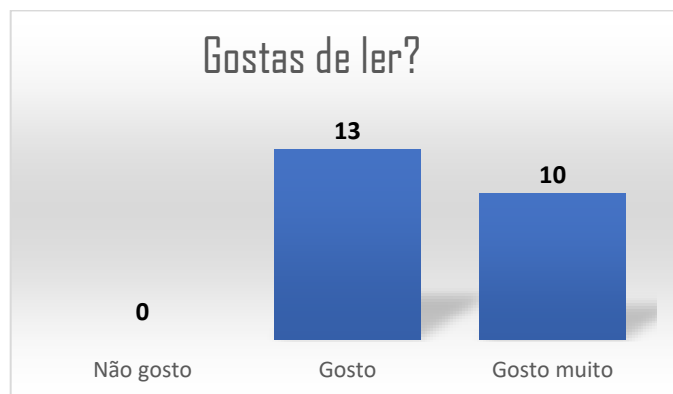


Figura 1 – Resultados recolhidos na questão n.º 1 - 4.º ano

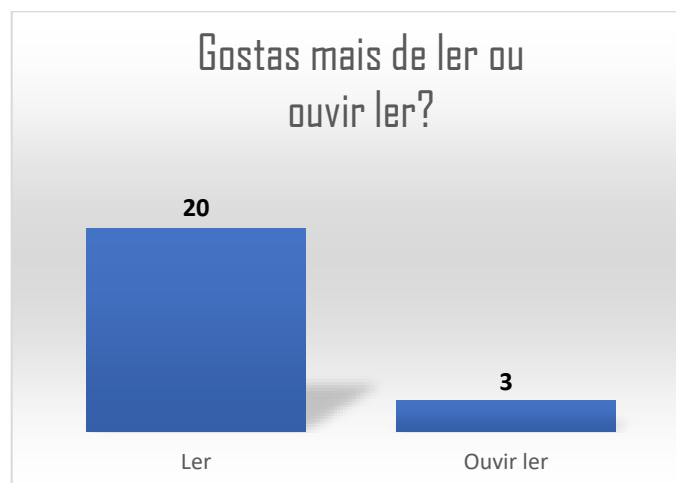


Figura 2 – Resultados recolhidos na questão n.º 2 - 4.º ano



Figura 3 - Resultados recolhidos na questão n.º 3 - 4.º ano

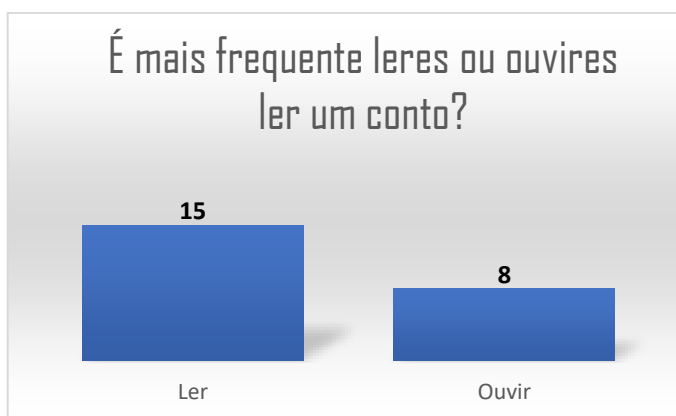


Figura 4 - Resultados recolhidos na questão n.º 4 - 4.º ano

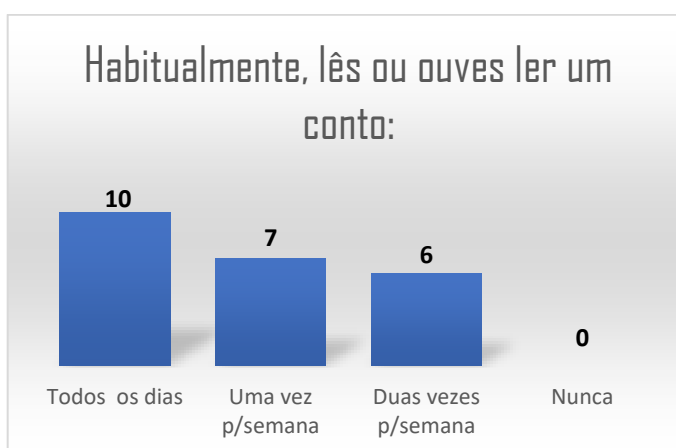


Figura 5 - Resultados recolhidos na questão n.º 5 - 4.º ano

Dos dados apresentados, destaca-se o facto de não existir um único aluno que não goste de ler. Observando o gráfico dois, verificamos que é muito reduzido o número de alunos que prefere ouvir ler em vez de realizar uma leitura autónoma. Os gráficos três, quatro e cinco permitem-nos concluir que todos os alunos inquiridos gostam de contos, verificando-se uma maior tendência para a leitura frequente.

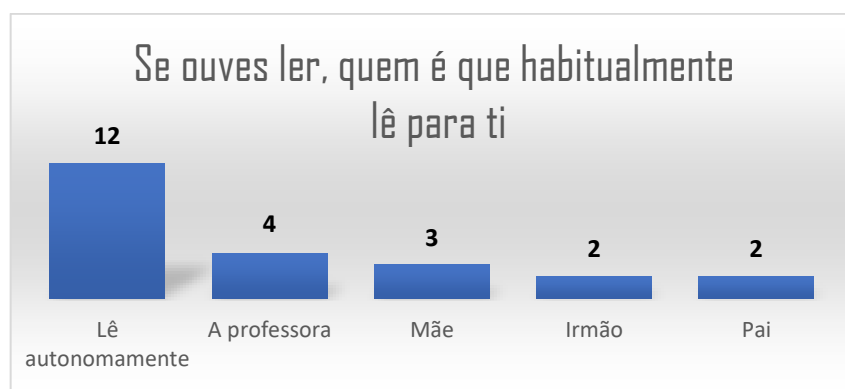


Figura 6 - Resultados recolhidos na questão n.º 6 - 4.º ano

Observando o gráfico seis, relativo à questão aberta, é possível concluir que do universo de vinte e três alunos, a maioria prefere a leitura autónoma em detrimento de escutar a leitura de outrem.

Estes dados demonstram que os alunos, a partir deste nível de escolaridade, já são autónomos na escolha das suas leituras.

Seguidamente, apresentamos os dados relativos às respostas dadas pelos alunos do 6.º ano de escolaridade, às seis questões fechadas e uma questão aberta incluídas no primeiro questionário, aplicado antes da intervenção da contadora de histórias. Salientamos que estes alunos responderam a mais uma questão do que os alunos do 4.º ano de escolaridade, por entendermos ser uma questão mais pertinente para alunos mais velhos. Assim, os gráficos sete a treze correspondem, respetivamente, às questões um a sete do questionário inicial aplicado no 6.º ano.

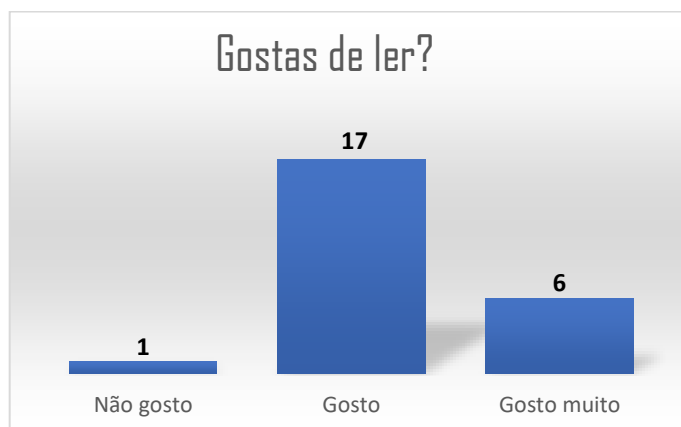


Figura 7 - Resultados recolhidos na questão n.º 1 - 6.º ano

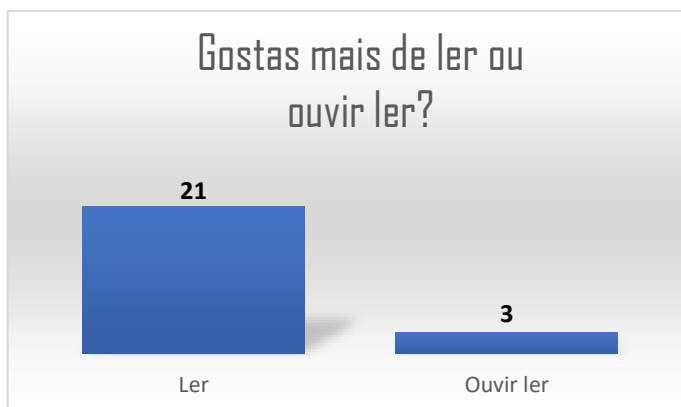


Figura 8 - Resultados recolhidos na questão n.º 2 - 6.º ano

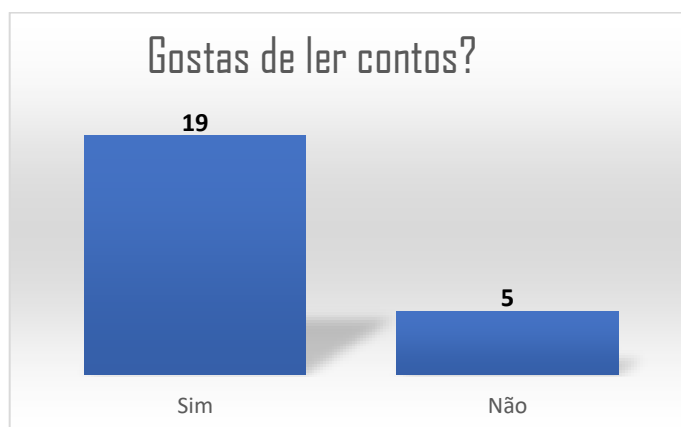


Figura 9 - Resultados recolhidos na questão n.º 3 - 6.º ano

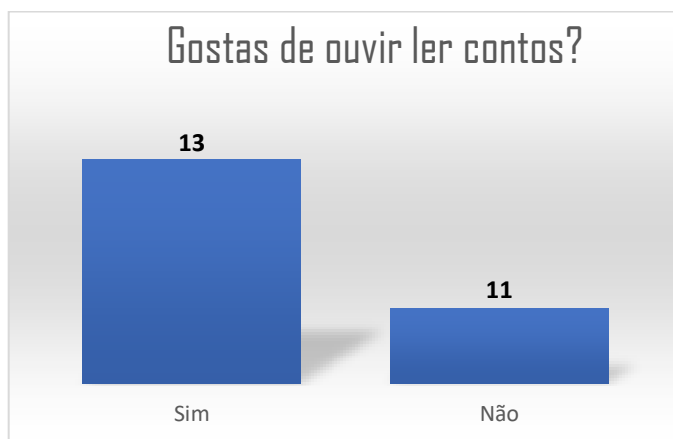


Figura 10 - Resultados recolhidos na questão n.º 4 - 6.º ano

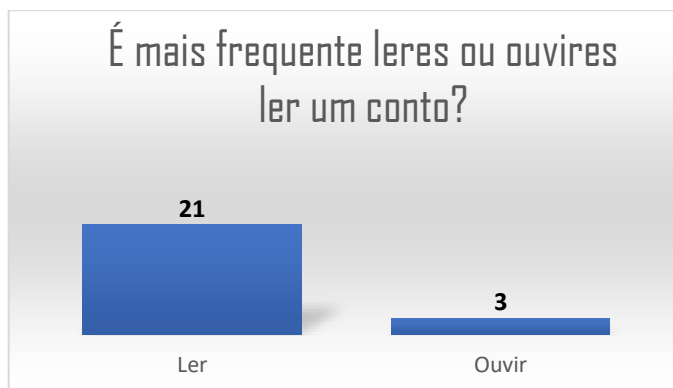


Figura 11 - Resultados recolhidos na questão n.º 5 - 6.º ano

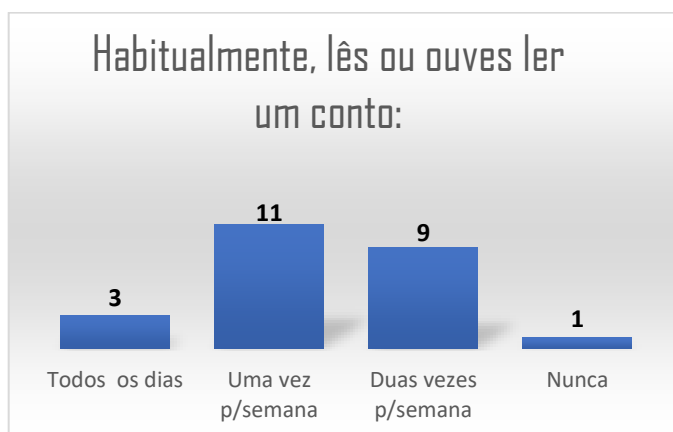


Figura 12 - Resultados recolhidos na questão n.º 6 - 6.º ano

Dos dados apresentados, destacam-se os apresentados no gráfico sete que nos revela, que num universo de vinte e quatro alunos, só um não gosta de ler. No gráfico oito, é possível constatar a preferência da maioria dos alunos pela prática de uma leitura autónoma. Pela análise dos gráficos nove e dez, é possível verificar, que embora a maioria dos alunos goste de ler e de ouvir ler contos, há uma preferência pela leitura autónoma, o que também é evidenciado pela análise do gráfico onze. O gráfico doze permite constatar, que à exceção de um aluno, os restantes leem ou ouvem ler mais do que uma vez por semana.

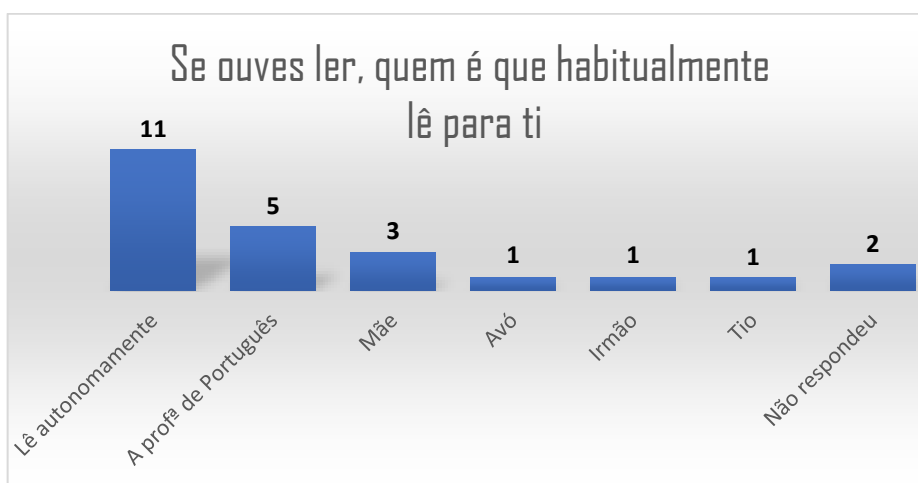


Figura 13 - Resultados recolhidos na questão n.º 7 - 6.º ano

Observando o gráfico treze, relativo à questão aberta, é possível concluir que do universo de vinte e quatro alunos, a maioria prefere a leitura autónoma em detrimento de escutar a leitura de outrem.

De seguida, apresentamos os dados relativos às respostas dadas pelos alunos ao questionário final, isto é, o questionário aplicado após a intervenção da contadora de histórias.

Como referido anteriormente, este questionário era composto por quatro questões abertas que elencamos na tabela seguinte.

Tabela 1 - Questões apresentadas no questionário final

Questões apresentadas no questionário final	
1	O que achaste da apresentação da professora Ana Reis?
2	Gostas de ouvir contos dramatizados como fez hoje a professora? Porquê?
3	Achas mais interessante ver este género de dramatização ou ler o conto? Porquê?
4	Achas que ler, ouvir ler, a dramatização de contos é importante para a tua formação académica?

Após a análise de cada resposta a cada uma das questões, foi possível reunir a informação que expomos de seguida.

Começamos por apresentar as respostas obtidas dos alunos da turma do 4.º ano de escolaridade.

Relativamente à questão um, a maioria das respostas destaca que a apresentação da professora Ana Reis foi muito engraçada, divertida e interessante. Os alunos apreciaram a sua habilidade em dramatizar, decorar as falas e interpretar várias personagens, qualificando a apresentação de "incrível", "fantástica" e "bonita". Alguns alunos mencionaram gostar de contos dramatizados, pois consideram que é algo que capta mais a sua atenção. No geral, todos os alunos expressaram uma opinião muito positiva sobre a apresentação.

No que diz respeito à questão dois, a maioria dos alunos referiu gostar mais de ouvir histórias dramatizadas por ser mais divertido, interessante e envolvente do que, simplesmente, ler. Destacaram que a dramatização ajuda a aprender melhor, torna a história mais real e cheia de emoção, e muitas vezes acrescenta elementos de comédia e ação. Além disso, ver e ouvir dramatizações desperta a imaginação, ajuda a compreender melhor a história e permite a oportunidade de discussão e reflexão. A experiência de ver alguém a representar foi muito apreciada, no sentido em que proporcionou uma aprendizagem animada e divertida.

No que concerne à questão três, as respostas são variadas, contudo com uma ligeira preferência pela dramatização. A maioria dos alunos prefere ver a dramatização, justificando que a mesma torna o conto mais realista, divertido e fácil de entender. Referem também que a combinação entre ver e ouvir, ajuda na concentração.

Por último, e no que respeita à questão quatro, as respostas foram maioritariamente afirmativas. A maioria dos alunos disse que este género de atividades são muito importantes para melhorar as competências leitoras, a capacidade de interpretar textos e ainda a compreensão de diferentes tipos de textos. Alguns dos alunos destacaram que estas atividades ajudam a expandir o conhecimento da língua portuguesa, o vocabulário e a escrita, sendo todas estas competências fundamentais para o seu sucesso académico.

De seguida, apresentamos as respostas obtidas dos alunos da turma do 6.º ano de escolaridade.

No que concerne à questão um, as respostas à apresentação da professora Ana foram, no geral, bastante positivas. Muito alunos apreciaram o carácter inovador e a maneira interessante como ela representou várias personagens e contou histórias, tornando a apresentação divertida. A professora foi elogiada pela sua atuação, com vários comentários de admiração pela sua capacidade de representar diferentes personagens. Alguns alunos mencionaram que a apresentação foi bem organizada e interativa, o que contribuiu para manter o interesse. Todos foram unânimes na opinião de que a apresentação foi muito divertida e engraçada, tendo alguns alunos expressado o desejo de ver mais histórias apresentadas dessa forma. Em síntese, a apresentação foi vista como criativa, envolvente e divertida.

Relativamente à questão dois, a maioria dos alunos afirmou que gosta de ouvir e ver contos dramatizados, destacando a interação visual e a sensação de realismo que são proporcionadas pela dramatização. Alguns destacaram que a apresentação da professora Ana conseguiu cativá-los, mesmo não tendo conseguido escutar na plenitude, devido à posição da professora em alguns momentos da dramatização.

No que diz respeito à questão três, as respostas são variadas, com uma ligeira preferência pela dramatização. A maioria dos alunos referiu que prefere a dramatização, justificando que o conto se torna mais realista, divertido e fácil de entender, o que por sua vez, ajuda na concentração, pois cria um ambiente mais envolvente ao combinar a visão e audição. Alguns alunos, reconhecendo o valor da dramatização, expressaram a preferência pela leitura, destacando que é uma forma de estimular a imaginação.

Por último, as respostas à questão quatro foram predominantemente afirmativas. Muitos alunos consideram que estas atividades são fundamentais para a melhoria da capacidade leitora, interpretação e compreensão de diferentes narrativas e, conseqüentemente, a expansão do vocabulário e a diminuição dos erros ortográficos. Em síntese, a maioria dos alunos considera que estas práticas são fundamentais para a sua formação académica.

Conclusão sobre os dados

No processo de recolha de dados, verificaram-se algumas limitações no número de respostas obtidas nos questionários, devido a constrangimentos pontuais. No questionário inicial, aplicado à turma do 4.º ano, composta por vinte e quatro alunos, foram recolhidas vinte e três respostas, dado que um dos alunos se encontrava ausente no dia da sua aplicação. No caso do questionário final, aplicado à turma do 6.º ano, também composta por vinte e quatro alunos, apenas foram obtidas nove respostas, uma vez que a maioria dos alunos se encontrava a participar em atividades extracurriculares fora do espaço escolar.

Apesar destas limitações, a análise dos dados disponíveis permite identificar tendências significativas. A dramatização revelou-se uma estratégia pedagógica com impacto positivo, na medida em que proporcionou o envolvimento dos alunos, facilitou a compreensão e a retenção dos conteúdos, promovendo uma aprendizagem mais significativa.

A partir da análise global dos dados recolhidos, é, ainda, possível verificar que não existe grande disparidade entre as preferências dos alunos do 4.º e do 6.º anos de escolaridade.

Apesar de este número de respostas não nos permitir conclusões seguras, indicam que a dramatização poderá ter efeito no gosto pela leitura de contos mesmo com alunos desta faixa etária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerações finais

A realização deste estudo tinha como principal intuito avaliar o impacto da dramatização de um conto nos alunos de 4.º e 6.º anos de escolaridade e, ainda, aferir se esse impacto apresentava diferenças substanciais entre alunos de diferentes níveis de escolaridade. Para tal, surgiu a possibilidade de convidar uma contadora de histórias que visitou a escola, dramatizou uma história e encantou os alunos.

A dramatização da história de Pedro e Inês possibilitou uma experiência marcante, tanto para os alunos como para mim, enquanto professora estagiária. Esta atividade revelou-se uma ferramenta pedagógica valiosa, capaz de despertar o interesse, a curiosidade e a participação ativa dos alunos, promovendo aprendizagens significativas num ambiente envolvente e afetivo. Por conseguinte, compreendi que é fundamental olhar para os alunos como sujeitos ativos e emocionais, pois as suas aprendizagens podem ser estimuladas quando se sentem envolvidos e inspirados.

Através da observação direta, da recolha e da análise das reações dos alunos durante e após a atividade, foi possível avaliar, em tempo real, o impacto da dramatização no processo de ensino e aprendizagem. Para além de gerar entusiasmo e, consequentemente, dar sentido às aprendizagens, esta atividade também permitiu a criação de vínculos.

Esta experiência fortaleceu a minha convicção de que o recurso à dramatização e à narração oral de histórias deve ser valorizado e integrado nas práticas letivas. Segundo Bettencourt (2002), a dramatização de histórias é uma prática pedagógica que vai além da simples narração, pois permite que os alunos se envolvam de forma ativa com a narrativa, desenvolvendo a criatividade e a expressão emocional, além de favorecer a construção de significados pessoais a partir das histórias contadas.

Com a realização dos estágios curriculares, pude constatar que a função do professor vai muito além da transmissão dos conteúdos presentes no currículo. É fundamental que o docente crie metodologias didáticas e significativas que despertem nos alunos o gosto pela leitura e pela escuta, a partir da magia dos contos e, ao mesmo

tempo, exercite a expressão oral, a capacidade de retenção de informação e a criatividade de cada um dos seus alunos.

A dramatização de contos surge, neste sentido, como uma prática pedagógica que une o prazer de aprender ao prazer de sentir, tornando a escola num espaço onde se partilham não só conhecimentos, mas também experiências e emoções. Por tal, desejo, futuramente, voltar a implementar este tipo de atividade, na convicção de que a dramatização pode ser um caminho privilegiado para promover o gosto pela leitura, a criatividade e o envolvimento afetivo com a aprendizagem. Ensinar não se resume a cumprir objetivos curriculares, é igualmente sensibilizar, alimentar a imaginação e abrir caminhos para que cada aluno se autodescubra.

Assim, enquanto futura docente, pretendo cumprir o meu papel como interveniente ativa no que diz respeito a estas e outras competências que devem fazer a diferença no trabalho do professor, mas sobretudo no crescimento pessoal e social dos meus alunos.

BIBLIOGRAFIA

- Aguiar e Silva, V. M. de. (2005). *Teoria da literatura* (8.ª ed.). Almedina.
- Azevedo, F., & Balça, Â. (2019). Práticas de educação literária e de promoção da literatura. *Textura*, 45, 6–29.
- Azevedo, F., Martins, C. O., & Magalhães, L. (2023). Pensar as práticas de leitura e da educação literária: Palavras prévias. In F. Azevedo, C. O. Martins, & L. Magalhães (Orgs.), *Práticas de leitura e educação literária* (pp. 5–8). Centro de Investigação em Estudos da Criança / Instituto de Educação. Obtido de <http://hdl.handle.net/10400.14/45490>
- Balça, Â. (2023). Educação literária na escola. *Antares: Letras e Humanidades*, 15(36), 1-21.
- Balça, Â., & Pires, M. D. N. (2013). *Literatura infantil e juvenil e formação de leitores*. Santillana Editores.
- Bento, I., & Balça, Â. (2016). Educação literária: um estudo no pré-escolar e no 1.º ciclo do ensino básico. Obtido de <http://hdl.handle.net/10174/19445>
- Bettencourt, A. M. (2002). Formação de professores em Portugal. Missões e desafios, *Revista Teias*, nº6., Univ E. Rio de Janeiro
- Castro, C. (2012). Características e finalidades da Investigação-Ação. *Alemanha: Coordenação do ensino do Português na Alemanha*.
- Coutinho, C. P. (2009). Investigação-ação: Metodologia preferencial nas práticas educativas. *Revista de Psicologia, Educação e Cultura*, 13(2), 355–376.
- Faria, R. M. V. C. T. de. (2009). *O conto popular português* (Dissertação de doutoramento, Universidade do Porto). Repositório Aberto da Universidade do Porto. Obtido de <http://hdl.handle.net/10216/14315>
- Magalhães, A. M., & Alçada, I. (1990). Literatura infantil, espelho da alma, espelho do mundo. *Revista ICALP*, 20–21, 111–123.

Ministério da Educação. (2017). *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*.

Obtido de https://dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Projeto_Autonomia_e_Flexibilidade/perfil_dos_alunos.pdf

Moreira, C. D. (2007). *Teorias e práticas de investigação*. Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas.

Niles, J. D. (1999). *Homo Narrans - The Poetics and Anthropology of Oral Literature*. University of Pennsylvania Press.

Pereira, C., & Balça, A. (2018). Educação literária na escola: a importância da escolha do livro e das atividades para a sua exploração na sala de aula. *Educação em Análise*, 3(1), 113-132.

Plano Nacional de Leitura. (2017). *Quadro estratégico Plano Nacional de Leitura 2027*. Obtido de <https://www.pnl2027.gov.pt/np4EN/file/35/QE.pdf>

Sanches, I. (2005). Compreender, Agir, Mudar, Incluir. Da investigação-ação à educação inclusiva. *Revista Lusófona de Educação*, 5, 127–142.

Themudo Barata, F., Capelo, S., & Manuel De Mascarenhas, J. (2021). Património Cultural e Sustentabilidade Uma relação nem sempre fácil.

UNESCO. (s.d.). *What is Intangible Cultural Heritage?* Obtido de <https://ich.unesco.org/en/what-is-intangible-heritage-00003>

Vieira, A. M. (2006). *O contributo da literatura infantil para a educação intercultural: Experiência em contexto de sala de aula* [Dissertação de mestrado, Universidade Aberta]. Repositório Aberto da Universidade Aberta. Obtido de <http://hdl.handle.net/10400.2/639>

APÊNDICES

Apêndice 1 – Questionário inicial – 4.º ano

Nome: _____ Data: ____/____/____

Assinala com um X a tua resposta:

1- Gostas de ler?

Não gosto ☐

Gosto ☐

Gosto muito ☐

2- Gostas mais de ler ou ouvir ler?

Ler ☐

Ouvir ler ☐

3- Gostas de contos?

Sim ☐

Não ☐

4- É mais frequente leres ou ouvires ler um conto?

Ler ☐

Ouvir ler ☐

5- Habitualmente, lês ou ouves ler um conto:

Todos os dias ☐

Uma vez p/ semana ☐

Duas vezes p/semana ☐

Nunca ☐

6- Se ouves ler, quem é que habitualmente lê para ti?

R: _____.

Muito obrigada pela tua colaboração!

Apêndice 2 – Questionário inicial – 6.º ano

Nome: _____ **Data:** ____/____/____

Assinala com um X a tua resposta:

1- Gostas de ler?

Não gosto ☐

Gosto ☐

Gosto muito ☐

2- Gostas mais de ler ou ouvir ler?

Ler ☐

Ouvir ler ☐

3- Gostas de ler contos?

Sim ☐

Não ☐

4- Gostas de ouvir ler contos?

Sim ☐

☐
Não

5- É mais frequente leres ou ouvires ler um conto?

Ler ☐

Ouvir ler ☐

6- Habitualmente, lêes ou ouves ler um conto:

Todos os dias ☐

Uma vez p/ semana ☐

Duas vezes p/semana ☐

☐ ☐
Nunca

7- Se ouves ler, quem é que habitualmente lê para ti?

R: _____.

Muito obrigada pela tua colaboração!

Apêndice 3 – Questionário final

Fico muito agradecida que respondas com a máxima sinceridade e atenção às seguintes perguntas:

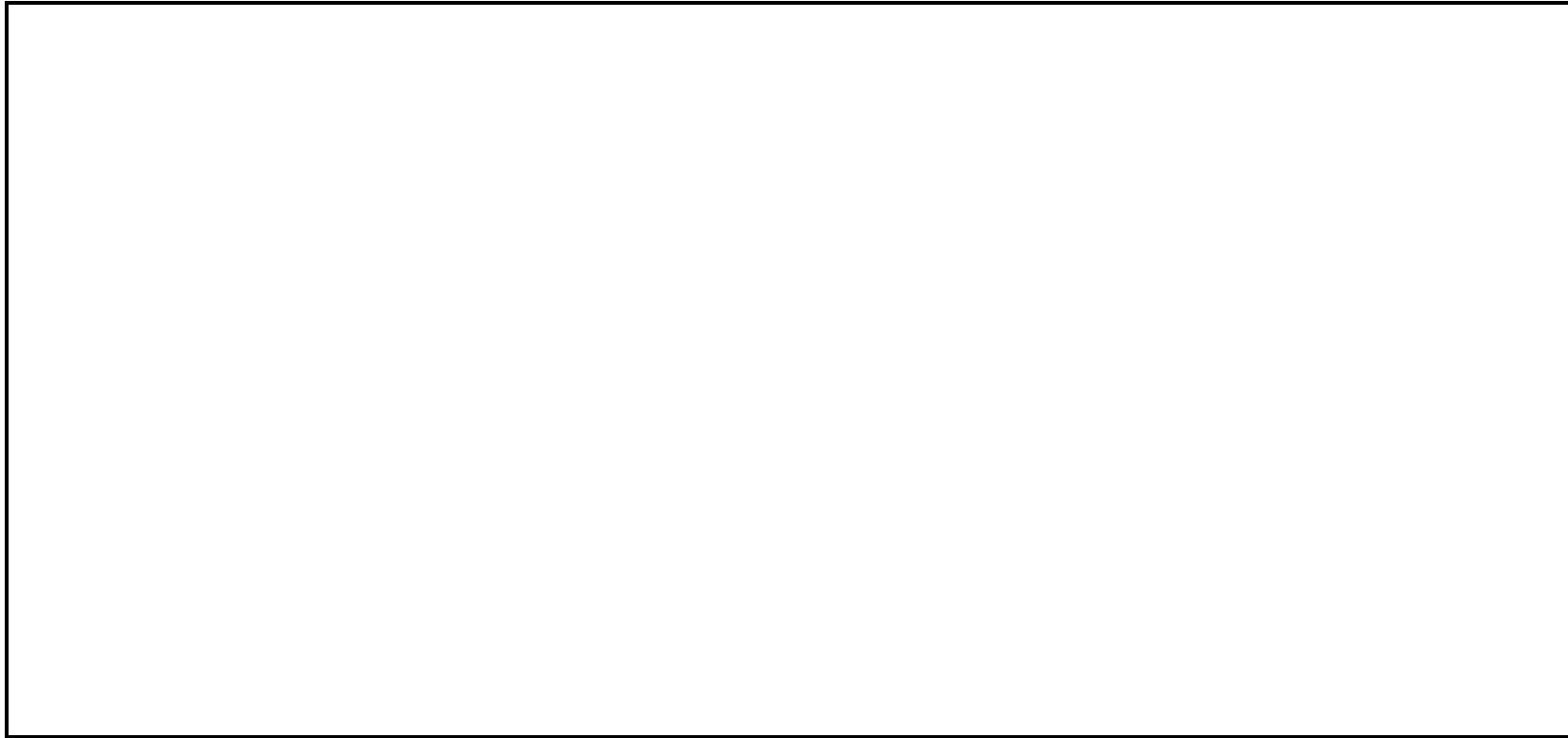
1- O que achaste da apresentação da professora Ana?

2- Gostas de ouvir contos dramatizados como fez a professora Ana?

3- Achas mais interessante ver este género de dramatização ou ler o conto? Porquê?

4- Achas que ler/ ouvir ler/ ver dramatizações de contos é importante para a tua formação académica?

Faz a representação do momento de que mais gostas na história de Pedro e Inês. Legenda-a em baixo:



Muito obrigada pela tua colaboração!

